

Mountain Voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada

Trekking
Mitra do Bispo

Técnica
Bivouac vertical
Entrevista
Kika Bradford

BN escalada
Serra Caiada

Ano XVIII - # 97 - Jul/Ago 2007

nova ANHANGAVA

ALMA
TRADICIONAL
CORPO
ESPORTIVO.



www.snake.com.br

Um novo design que alia performance e conforto. Marcando o início de um novo tempo.

Meias Curtlo

Escolha o seu modelo

Tecnologia e qualidade Curtlo

As meias Curtlo, reúnem características ideais para prática de atividades físicas. Elaboradas a partir de tecidos especiais, possuem como principais benefícios, conforto e proteção para os pés. Manter os pés livres de suor e diminuir o atrito com as estruturas do calçado, fazem das meias Curtlo um equipamento necessário na prevenção de bolhas, permitindo que não haja interrupção de sua prática esportiva. Disponíveis nos tamanhos: 34 a 38 e 39 a 43.



◎ Linha Trekking



◎ Linha Adventure



◎ Linha Bike



◎ Linha Esportiva



Internacional

LISETE FLORENZANO | SP

► Temporada no Broad Peak

Para prestigiar os 50 anos de sua conquista, vários escaladores de elite estão na montanha para tentar seu cume. No dia 20, o alpinista madrilenho Carlos Soria, de 68 anos, chegou no alto dos seus 8047 m. Foram 20 horas de atividade, até a volta no Campo 3. Neste mesmo ataque ao cume, os outros alpinistas que acompanhavam Carlos desistiram de continuar, devido às condições de vento e frio.

► Encontrado o corpo de Boskoff

Uma das melhores escaladoras de sua geração, Christine havia escalado seis montanhas de 8000 m. Estava tentando, junto com Charlie Fowler, o pico Genyen (6200m), uma montanha virgem no Tibet. Segundo informações, os dois alpinistas foram surpreendidos por uma avalanche. O acidente ocorreu em dezembro, mas as buscas haviam sido abandonadas em virtude das condições climáticas.

► Speed climb na Denali Diamond

Colin Haley e Mark Westman escalaram a via *Denali Diamond* (AI5+ M6 A1), na face sudoeste do Mt. McKinley, em menos de 48 horas. A via, aberta em 1983, é considerada um clássico moderno e uma das rotas mais bonitas do Alaska. Ainda não se conseguiu fazer a via toda em livre. Segundo Haley, a via tem boas proteções, é altamente comprometida e dificuldade constante. O crux está estimado (em livre) num M7 ou M7+.

► Pinineos

Josune e Rikar liberam *Super Weissmuller* (8a/a+) A via, de 300 m e oito enfiadas, esperava

na liberação... Com um traçado impecável, a linha passa por uma série de tetos e ainda que a rocha não seja tão boa, sua qualidade é bem aceitável. O teto, agora em livre, teve sua graduação proposta em 8a/a+. Para proteção, foram usados friends, micro friends e nuts. A dupla conseguiu o feito dez dias depois de sua primeira tentativa. Venceram esticões, alta exposição e dificuldade variando entre 6b+, 6c, 7b+ "técnico e atlético", 8a/a+, 7b, 6c+, 6c e V.

► Dificuldade...

Julius Westphal, um alemão de 20 anos, encadenou seu primeiro 9a. A via, que batizou de *Aloha*, fica em Kronthal, na região de Estrasburgo. São mais de 15 m de teto, com agarras precárias, em arenito. O escalador tem em seu currículo outras vias de dificuldade, como *Mekka Direkt* (8c+) em Pfalz e *Magic Wood* (8b+). Falando em dificuldade, sempre aparece Chris Sharma.... Nesta temporada em Cêuse (França), o escalador mandou mais um 9a. O nome da via e o grau ainda esperam uma confirmação.

► Novas rotas

Uma expedição composta pelos suíços Denis Burdet, Thomas Senf e Stephan Siegrist conquistou a primeira rota pela face nordeste do Arwa Tower (6352 m), no Garhwal Himalaya, Índia. A via, de 1005 m, foi batizada de *Lightning Strike* e graduada em VI 5.9 A3 M5. A maior parte da linha estava coberta por neve, e praticamente não havia fendas para proteção. Quando havia alguma, eram offwidths... Foram sete dias de escalada, com cordas fixas entre as três paradas em portaledges.

Os veteranos do Himalaya Yannick Graziani e Christian Trommsdorff (ambos da França) abriram uma nova rota em puro estilo alpino, para fazer a primeira ascensão do Pumari Chhish (7350 m), no Paquistão. Trommsdorff já havia tentado o cume duas vezes em 2003. Os dois escalaram a face sul, de 2700 m, em quatro dias e meio, mais um dia e meio para a descida.

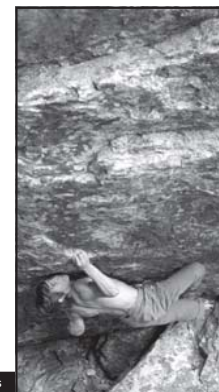
A rota considerada difícil, tem seu crux entre 6400 e 7000 m com escalada mista e em gelo, sendo o trecho em livre num granito de excelen-

te qualidade (5.10 – M6). Foi feito em artificial uma chaminé negativa de 15 m.

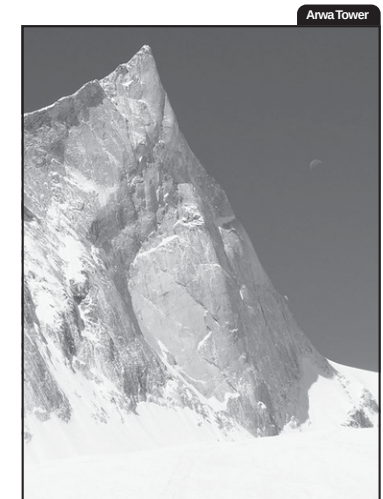
A linha já havia sido tentada anteriormente por Julie Ann Clyma and Roger Payne, em 99, mas não conseguiram devido a avalanches e condições climáticas desfavoráveis. Graziani e Trommsdorff contaram com seis dias de tempo bom.

► Boulders

Daniel Woods manda seu primeiro 8c (V15), confirmado por ele, com a primeira ascensão de *Jade*, em Chaos Canyon, no Parque Nacional das Rochosas. O projeto já havia sido tentado por vários escaladores, como Dave Graham, Paul Robinson e Tyler Landman. Falando em V15, Tyler Landman (de 16 anos) é o primeiro a mandar *Room Project* em Squamish, Canadá. Segundo Tyler, as agarras são muito podres e requerem grande força física e muita tensão para permanecer sobre a rocha, um granito limpo de 4,5 m com inclinação negativa em torno dos 30 graus. Esses jovens.....



Daniel Woods



Arwa Tower



ABRIGOS Técnicos

Proteja-se do frio, vento, chuva... a um custo justo!

Abrigo PARKHA

- Tecido Dry Tech suporta l. 200 mm de coluna d'água.
- Vários bolsos externos e internos.
- Ventilação por zíper sob os braços.
- Forro em tela respirável.
- Costuras seladas.

Calça CLIMATIC

- Tecido Dry Tech suporta l. 200 mm de coluna d'água.
- Costuras seladas e reforços em tecido rip-stop.
- Zíper nas pernas facilitam vesti-la mesmo com botas.

Abrigo PARKHA KLIMA

- Casaco "três em um": anorak e casaco de fibra polar em uma peça só, mas que pode ser desmembrada em duas.
- Casaco externo possui impermeabilização para l. 200 mm de coluna d'água e costuras seladas.
- Vários bolsos e reforços em tecido rip-stop.
- Ventilação por zíper sob os braços.
- Casaco interno THERMOTEX pode ser adquirido em separado.

Casaco THERMOTEX

- Fleece tipo polar, leve e lavável.
- Dois bolsos laterais para as mãos e um no peito.
- Reforços de náilon nos ombros e cotovelos.

Visite nosso site: www.trilhaaserumos.com.br (21) 2742-9652 TERESÓPOLIS - RJ

Roupas especiais para momentos especiais.

Thiago Balen
Vale Encantado - Argentina
Fr-7c Br-9a

www.solobr.com



FEMERJ realiza encontros para discutir o montanhismo

Atividades intensas no Rio de Janeiro, promovem o esporte e a preservação das montanhas.

A Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ) cumprindo com um dos seus objetivos, que é o de dirigir, difundir e incentivar a prática do montanhismo, das atividades de integração ambiental e de assuntos ligados ao meio ambiente e ecologia, realizou dois encontros de no mês de julho (II Encontro Niteroiense de Escalada e I Encontro de Montanhistas do Parque Estadual dos Três Picos) e realizará outro em agosto (Oficina de Atualização).

A Oficina de Atualização das Diretrizes de Mínimo Impacto para a Urca será realizada no dia 11 de agosto (sábado), a parti das 8h, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), situada à Avenida Pasteur, nº 458, Urca. O objetivo este evento é o de reavaliar questões abordadas no Seminário de Mínimo Impacto em Paredes para o Complexo da Urca, realizado em fevereiro de 2002.

Na pauta desta Oficina constam os seguintes temas: atualização de zoneamento da região (áreas passíveis de novas conquistas); uso de furadeiras em conquistas; e manutenção de trilhas. Também serão discutidos casos específicos e assuntos diversos. A FEMERJ convoca todos os montanhistas a participarem porque “nossas decisões de agora, terão grande repercussão no desenvolvimento da escalada dentro de um cenário onde a evolução esportiva esteja em sintonia com um ambiente natural e preservado”, explica Bernardo Collares, presidente, ou Delson de Queiroz, diretor de Meio Ambiente.

Em julho ocorreram dois Encontros de

montanhistas. O primeiro aconteceu no dia 15 de julho, quando foi realizado o II Encontro Niteroiense de Escalada. O evento aconteceu na Associação Fluminense dos Engenheiros e Arquitetos, em Itacoatiara, e contou com a organização do Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET), Clube Niteroiense de Montanhismo (CNM) e Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ). O objetivo foi fortalecer a parceria entre o PESET e a comunidade montanhista.

No encontro, foram apresentadas idéias e estratégias dos atuais gestores, a situação do montanhismo no parque e as ações realizadas pelos montanhistas. Também foram mostrados os conceitos de manejo do montanhismo que têm sido discutidos e implementados em outras Unidades de Conservação. O resultado final do encontro foi a criação de diretrizes e estratégias para a gestão do montanhismo e para a conservação ambiental do Parque Estadual da Serra da Tiririca. Foram criados dois Grupos de Trabalho, sobre a coordenação do CNM: Diagnóstico dos Setores de Escaladas do PESET e Recuperação da Trilha do Alto Mourão, via Itacoatiara. Além disso, a FEMERJ vai encaminhar para quem? um documento com as Diretrizes para a Gestão do Montanhismo em Unidades de Conservação. A Federação vai apoiar a recuperação da trilha do Alto Mourão através do Programa Acesso à Montanha (maiores informações sobre este assunto, acessar www.femerj.org).

O evento contou com as palestras de Adriano de Melo, da administração do parque (“A Nova

Gestão do PESET”); Bernardo Collares, presidente da FEMERJ e Delson de Queiroz, Diretor de Meio Ambiente da FEMERJ (“Gestão do Montanhismo no PESET”); Luiz Andrade, organizador do I Encontro Niteroiense de Escalada (Mínimo Impacto e Código de Ética de Niterói); Alex Figueiredo, coordenador do Grupo de Trabalho PESET CNM (“GT PESET 2007”); e Delson de Queiroz, diretor de Meio Ambiente da FEMERJ (“Acesso ao Alto Mourão via Itacoatiara). Também houve uma palestra de Igor Camacho, presidente da ONG Ecoar, que trata de aves de rapina, e que tem parceria com o PESET eo CNM

O presidente da FEMERJ, Bernardo Collares, considerou o encontro muito bom: “Gostaria de dar os parabéns a galera de Niterói pelo alto nível do encontro. A maturidade que o pessoal vem demonstrando para tratar os assuntos, inclusive os polêmicos, está sendo exemplar. Também quero agradecer a direção do Parque Estadual da Serra da Tiririca por se colocar à disposição para conversar e decidir em conjunto as questões do parque”.

No final de semana seguinte, dias 21 e 22 de julho, foi realizado o I Encontro de Montanhistas do Parque Estadual dos Três Picos (PETP), em Salinas, organizado e realizado pela FEMERJ e o PETP/IEF-RJ.

Com o objetivo de conscientizar e incluir a comunidade de montanhistas e moradores no trabalho de manejo e manutenção das trilhas e escaladas. O evento contou com a participação de 70 pessoas (moradores locais, funcionários do PETP e do IEF-RJ, e montanhistas dos

estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Paraná).

O primeiro dia foi de confraternização entre os participantes. Foi apresentada uma palestra sobre os aspectos administrativos e sobre as atividades desenvolvidas pelo setor de montanhismo do parque. Depois, foi explicado o trabalho de campo que seria feito no domingo e houve a exibição o filme Leste.

No dia seguinte, foram organizados três grupos que atuaram na manutenção das trilhas do Cabeça de Dragão (colocação de 16 degraus para a contenção do terreno e melhoria da frenagem dos usuários na descida, e poda na vegetação do corredor da trilha), do Pico Menor (poda da vegetação, nivelamento do corredor da trilha e análise da flora por biólogos especialistas) e da Rodolfo Chermond (instalação de 15 degraus para conter a força da água e o terreno, nivelamento do corredor da trilha em vários pontos, e mudança no traçado da trilha, colocando-a mais de acordo com as curvas de nível do terreno).

“A FEMERJ doou para o PETP um banner excelente com a Cartilha do Bom Montanhista na Integra”, conta Sérgio Poyares, do parque. O banner, que ficará exposto na sede do Parque Estadual dos Três Picos, é mais uma realização do Programa Acesso à Montanha e foi criado pela montanhista Mônica Moreira.

Sérgio Poyares afirmou que pretende realizar este encontro anualmente. O I Encontro de Montanhistas do Parque Estadual dos Três Picos contou com o apoio da Equinox, Montanhar, 3Picos, Verticália Teresópolis e Trutas Arco Íris

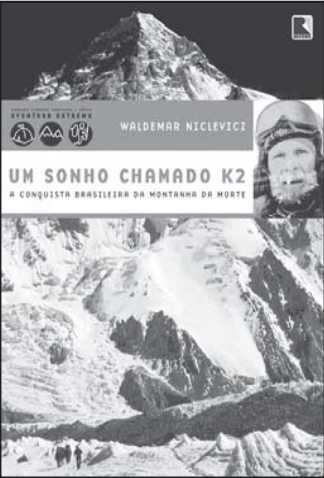
Escalando o K2

Com 8.611m de altitude, superado apenas pelo Everest (8.848m), o K2 é considerado a montanha mais difícil de se escalar do mundo, devido a um clima imprevisível, aliado ao ar rarefeito e a grande dificuldade técnica.

Em **Um sonho chamado K2** o paranaense Waldemar Niclevicz — primeiro brasileiro a escalar o Everest e os Sete Cumes do Mundo (a montanha mais alta de cada um dos continentes) — conta como conquistou a montanha mais difícil de se escalar do mundo, um sonho que precisou de três tentativas para ser realizado e que agora chega ao público em um livro e em um DVD repleto de emoções.

A saga de Waldemar Niclevicz com o K2 ou Montanha da Morte, começou em 1998, quando foi obrigado a desistir da escalada devido ao elevado risco de avalanches. No ano seguinte, o mau tempo mais uma vez o impediu de chegar ao cume. Finalmente, em 2000, acompanhado pelos italianos Abele Blanc e Marco Camandona, e sem o uso de garrafas de oxigênio, a vitória tão perseguida foi alcançada.

O livro é testemunho inegável da vitória de um homem sobre a natureza. De um brasileiro sobre a montanha mais desafiadora do planeta. O relato e imagens não apenas das três expedições de Niclevicz ao K2 como também das



escaladas preparatórias ao Shisha Pangma, ao Cho Oyo e ao Gasherbrum, além de diversos aspectos geográficos e culturais do Nepal, do Tibete e do Paquistão. Carregado de tristezas e da mais profunda e angustiante felicidade alcançada por Waldemar Niclevicz, o livro e o DVD são o testemunho da força de vontade que leva alguns homens a arriscarem a própria vida em busca de um objetivo.



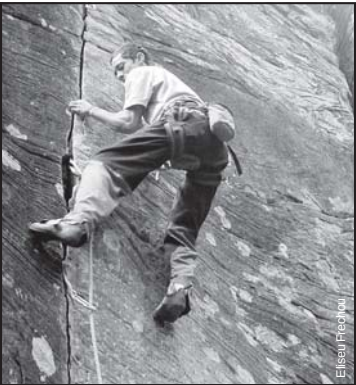
A sétima edição da **Adventure Sports Fair** acontecerá dias 22 a 26 de agosto na Bienal do Ibirapuera, São Paulo. Para este ano, assim como no anterior, a feira de esportes acontece junto com a Running Show, numa estratégia de juntar públicos com algo em comum. Este ano, além de lançamentos de produtos pelas empresas fabricantes do mercado de montanha, diversas atividades como reuniões e palestras estarão acontecendo todos os dias. A **CBME Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada** também estará presente com um estande destinado a atender o

público interessado em obter informações sobre o montanhismo. Diversos montanhistas irão palestrar durante os dias da feira: Rodrigo Raineri fala sobre Alta Montanha (dia 25, 15:30hs - GoOutside) Eliseu Frechou sobre Grandes Paredes no Brasil e exterior (dia 25, 16:30hs – Business Point) e Waldemar Niclevicz lança seu novo livro e DVD da escalada ao K2 (dia 26, 16:30hs – Porão das Artes). As palestras são gratuitas, mas é necessário ingressar na feira. Mais informações no site oficial do evento www.adventurefair.com.br.

Encontros de Escaladores no PR e MG

O **V Festival de Montanha do Sul de Minas** vai acontecer este ano nos dias 01 e 02 de setembro em Itajubá, MG. Estão programadas palestras e oficinas. Para mais informações, acesse o site: www.cmi.org.br/festival5

O **8º Encontro de Escalada de Londrina** acontecerá entre os dias 07 a 09 de setembro no Paraná. Estão programadas escaladas na pedraira Cafezal e Serra do Cadeado durante o dia e um ciclo de palestras com Edson Struminski, Edemilson Padilha, Valdesir Machado e Marcos Vinícius Todero. Para maiores informações, entre em contato pelo telefone (43) 3334.0680.



SÍLVIA MARCON | RS

Aconteceu no dia 25 de julho de 2007, no auditório do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, o IAGMovie – I Festival Open de Vídeos de Escalada RS.

O evento foi organizado pela AGM e contou com a apresentação 21 vídeos amadores de até 10 minutos. As imagens e edição dos mesmos foram todas realizadas por escaladores locais e também de outros estados e a única condição obrigatória de participação era que todos os vídeos tivessem sido filmados dentro do Rio Grande do Sul.

As 20 horas, pontualmente, foram abertas as portas da sala de exibição e entregues a cada um dos espectadores uma cédula única, em que deveriam votar nos seus vídeos preferidos, analisando os seguintes aspectos: melhor vídeo, melhores imagens, melhor edição e melhor trilha. O vídeo mais votado, em todas as categorias, foi: Conquistas no Vale do Rio Inferno – Antonio Prado. Com aproximadamente 8 minutos, relata o evento realizado em maio de 2007 em que foram abertas vias em 2 setores da serra gaúcha, Cascata Tosi Matti e Perau Vermelho e mobilizou cerca de 30 escaladores e 5 furadeiras. Anto-

nio Prado é um point que está se desenvolvendo na região, com um setor esportivo de vias negativas fortes e outros dois com vias mais tranquilas. O vídeo mostra o local, a abertura das vias, escaladas e o momento de relax dos escaladores, depois de três dias de trabalho pesado. O crédito das imagens é de Tiago Mohr, Joel Marcon, Cláudio Bochese, Sílvia Marcon, Andrew Sykes e o vídeo foi editado por Sílvia Marcon.

Conforme o regulamento do festival, os 10 melhores (neste caso 11, já que houve empate na oitava colocação) farão parte de um DVD, a ser lançado no evento anual da AGM – IV Caldeirão do Behne, que ocorrerá dias 25 e 26 de agosto, no Campo Escola Behne, em Ivoti-RS (mais detalhes em breve no site). Para reservar o seu DVD, por favor, entre em contato pelo www.agmontanhismo.org.br. Abaixo a relação dos vídeos mais votados: 1. Conquistas no Vale do Rio Inferno, Antonio Prado 2. POAboulder 3. Rosa Tatuada 4. Disciplina não ter, Jedi nunca será 5. inseRTS 6. CariSul Ivoti 7. Escalada Feminina no Itacolomi 8.Redes Neurais 8. Armagedon Upgrade Extension 9. Eclipse 10. Portal das Ilusões.



publicações + vozes

desde 1992 presente nas suas melhores escaladas

Al. dos Nhambiquaras, 946 • Tel.: (11) 5052-8082

Cursos de Escalada
Basico e avançado de
escalada móvel, conquista
big wall e reciclagens

Guias de Montanha
Brasil: Pedra do Bau e região,
Rio de Janeiro, Minas Gerais,
Parana, Sul e Nordeste
Exterior: EUR, África,
Mexico e Espanha

MONTANHISMUS
Escola de Escalada em Rocha
WWW.MONTANHISMUS.COM.BR
SAO BENTO DO SAPUCAI - SP
(12) 3971.1470

Bivaches verticais

Pernoites com sono tranquilo na montanha. Redes e portaledges: Conheça os melhores métodos e equipamentos dependendo de sua necessidade.

ELISEU FRECHOU | SP

Dormir na vertical é quase sempre sinônimo de experiências extremas. Quando o esporte deixa de ser apenas esporte e passa a ser aventura e comprometimento. Quando sua resistência tem que durar não só o dia, mas também a noite (ou noites) em busca de um objetivo que não pode ser atingido em apenas um dia. Seja planejado ou por necessidade ao ser surpreendido pelo escuro ainda na parede, roubada ou não, uma noite sob o relento e pendurado no vazio é sempre memorável. Na edição #73 falei sobre bivaque forçado. Agora vou comentar sobre os métodos próprios e indicados para cada situação e estratégia.

Quando falamos de estratégias e equipamentos para pernoite na vertical, valor e peso são sinônimos de conforto. Quanto mais você dispor de verba e vontade de puxar peso, melhor vai dormir. Claro que em muitas situações o melhor é terminar a parede e ir dormir em casa. Mas nem sempre isso pode acontecer, então o melhor é decidir a tática a ser usada para ter uma noite o mais agradável possível.

Regras gerais: desnecessário, mas importante frizar que todo bivaque em parede deve ser feito com o escalador encordado. Não importa se por meio da fita solteira, daisy-chais ou corda, você deve sempre estar preso como se estivesse escalando. A ancoragem de seu "dormitório" deve ser independente da que você está usando para não despencar montanha abaixo. Saco de bivaque impermeável (respirável ou não) também é necessário e obrigatório. Mesmo os rain-flys de portaledges deixam entrar água durante um temporal mais forte ou ventos vindo de baixo, e como são totalmente impermeáveis, acumulam gotículas de suor em seu interior, que em contato com o seu saco de dormir, podem molhá-lo aos poucos até que fique encharcado.

Vias com platôs: essas são as mais fáceis e confortáveis. Para usufruir do descanso de uma boa noite de sono, basta um isolante térmico para colocar debaixo do saco de dormir e sonhar com as escaladas do dia seguinte. Se o platô é inclinado, talvez dê para resolver a situação apenas colocando sua mochila ou haul bag do lado da inclinação e usá-lo como apoio para não escorregar.

Vias rápidas e verticais: nessa situação, onde um bivaque é o suficiente, uma rede de parede é a melhor opção. A melhor que já usei ainda é bastante desconfortável, mas é melhor (ou menos pior, ahahaha!) que dormir na cadeirinha. A rede já é muito apertada na largura e pequena no tamanho e espreme muito os ombros, pois tem apenas um ponto de apoio, fazendo com que ela lhe comprima em todas as direções. Entrar no saco de dormir é um capítulo a parte, que deve ser treinado em casa. É comum acordar com dor nas costas e ombros.

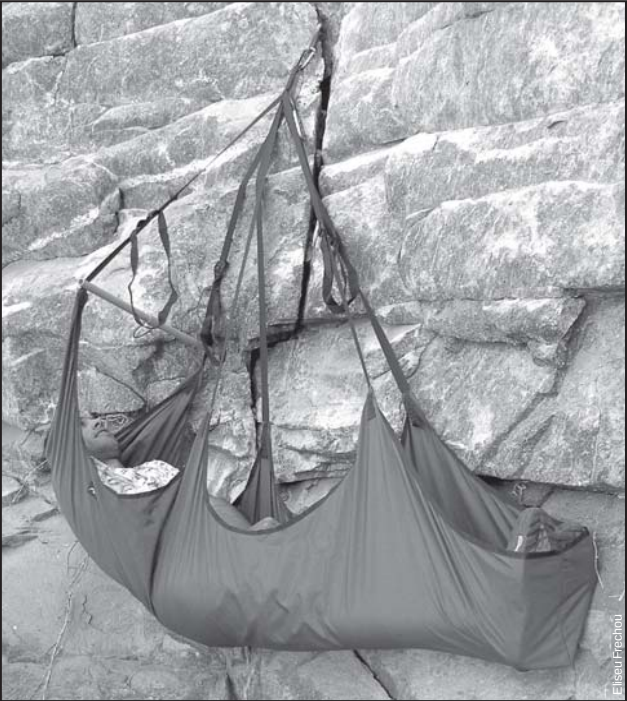
Grandes paredes: aqui o portaledge é essencial. Mas ainda assim há opções e decisões a tomar. Primeiro você terá de resolver se vai comprar ou usar o portaledge simples ou duplo. O simples (para uma pessoa) é muito confortável e estável. Eu prefiro levar dois simples a levar um duplo. O duplo é mais fácil de carregar e mais leve que dois simples, mas é desconfortável, pois quando um escalador se mexe, geralmente acorda o outro, além do que, o espaço é bem menor do que o do simples.



◀ Michel Abdelnur em um portaledge duplo. ▼ Bruno Melo na rede de parede de um ponto.

O portalege é composto de 6 tubos de aço e uma peça de cordura. Os tubos montados deixam a lona esticada e pronta para receber o peso de uma pessoa, que deitada, não estica em demasia, evitando a formação de uma rede. A idéia é que a cordura fique o mais esticada possível, por isso da dificuldade de montar os tubos – tem que estar tudo esticado. Tenha cuidado, procure informação sobre o modelo que você tem em mãos e treine a montagem deste equipamento. Uma montagem errada pode quebrá-lo facilmente, o que além de lhe deixar na roubada, sem ter onde dormir na parede vai fazer um belo estrago no seu orçamento. Certifique-se que todas as fitas estejam sendo tracionadas e nunca monte-o em quinas, principalmente no meio da barra maior (longitudinal). Os tubos de aço do portaledge são muito resistentes, pois não tem costuras, mas isso não os torna indestrutíveis nem à prova de mal uso. Desmontá-lo na vertical e colocá-lo em seu saco de arrasto também é uma operação que exige treino, pois ao acondicioná-lo corretamente, você facilitará a próxima montagem.

A segunda questão a resolver é se você vai ou não levar o rain-fly, que é a capa externa que protege do vento e chuva. Essa "barraca" geralmente é vendida separada do portaledge. Em situações onde você tem certeza de que o tempo ficará estável, vale a pena deixá-lo em casa, pois é um pedaço de nylon bem pesado. E algumas noites sob as estrelas não mata ninguém, não é mesmo? Mas se você tem dúvidas quanto à estabilidade do clima, vai ficar muito tempo na rota, ou a escalada é alpina ou em lugares frios, não deixe o rain-fly para trás. Estes são os principais e mais usados métodos para bivacar em parede. Não esqueça que é necessário conhecimento e treino de uma série de outras técnicas antes de se aventurar nas grandes paredes. Procure informação, cursos e dicas de quem já vivenciou esta experiência. Conhecimento nunca é demais.



Eliseu Frechou

Falando sobre Montanhismo com Kika

Única brasileira a ser certificada pela AGUIPERJ, guia e montanhista de coração, Kika Bradford expõe sua visão sobre o esporte da escalada.

MÔNICA FILIPINI | SP

Quando estava refletindo sobre esta edição do MV, pensei em fazer uma entrevista com uma escaladora. Afinal de contas, somos poucas mas com muito para dizer... O universo feminino da escalada tradicional é diferente, tão intenso quanto o masculino, porém diferente. Entre grandes nomes que surgiram, um deles realmente se encaixava no que estava procurando... uma montanhista, conquistadora, escaladora e mulher: Kika Bradford.

30 anos, carioca, casada, montanhista desde 95 e escaladora desde 98, Kika foi a única mulher certificada pela AGUIPERJ - Associação de Guias e Instrutores Profissionais de Escalada do Estado do Rio de Janeiro. Possui os cursos de Outdoor Educator, Leave no Trace do NOLS (National Outdoor Leadership School), de Wilderness First Responder (WMA) e de Socorrismo em Áreas Remotas (SARE). Atualmente, Kika faz parte do quadro de instrutores do NOLS.

Em sua experiência nas montanhas começou a fazer trilhas e travessias, o que logo a levou à escalada. Em 2001 se tornou guia profissional pela Exum Mountain Guides, nos EUA onde morou até 2002.

Conquistou vias no Espírito Santo como a *Sambalelé*, 6º VI D3; Águia Branca ; *Varridos pela Eternidade*, 6º V A2 D4; Cristalino. No Rio de Janeiro: a *Celacanto*, *Provoca Maremoto*, Visup – Joatinga e Minas Gerais entre outras a Chaminé *Orodruim*, Visup, e *Rock das Aranhas*, IV ambas em Fortaleza, Barão de Cocais. Apaixonada por montanhas e suas complexas vias, realizou escaladas no Yosemite e Tetons nos EUA e também inúmeras vias na Região Serrana do Rio de Janeiro como algumas tentativas na *Crazy Muzungus*. Fundadora da Aribira, Kika possui Mestrado em Antropologia Aplicada pela Universidade de Maryland, EUA. Atuou como guia profissional de escalada por 6 anos, foi presidente da Aguiperj entre 2005 e 2007. Atualmente, trabalha voluntariamente para a FEMERJ (Federação de Esportes de Montanha do Rio de Janeiro) nas áreas de certificação, treinamento e meio ambiente. Kika é responsável pela coordenação e treinamento dos guias e facilitadores da Aribira, pela coordenação da logística e operacional dos programas experiências. Neste momento está envolvida na coordenação do projeto de um filme sobre a história da escalada das mulheres no Rio de Janeiro (190 anos de história!), uma realização da Montanhar e da Mulheres na Montanha...

Cada estado do Brasil possui sua particularidade em relação à escalada, no Rio de Janeiro , por exemplo, o acesso aos cursos de escalada e ao conhecimento é bem mais difundido que na maioria dos lugares. Como você começou a escalar? Qual foi o grande incentivo?

Moro no Rio, mas comecei a escalar em uma montanha de São Paulo: o Baú. Quando adolescente ia muito ao Paiol Grande, em São Bento do Sapucaí e subi inúmeras vezes o Baú pelas "escadinhas" e pensava naquela época que queria subir o Baú com cordas e tudo mais. O Baú,

como símbolo do Paiol, sempre me atraiu de uma maneira mística.

Não tinha conhecimento nenhum, então fiz um curso básico com a Kátia Torres, mas larguei logo após o curso. Em 1998, meu namorado da época começou a escalar. Foi a gota d'água: fui para uma loja, comprei meu baudrier, uma solteira e ATC e fui para a pedra, usava uma sapatilha emprestada. Logo no segundo dia que fui para a pedra, guiei um amigo que ficou durante muito tempo como meu grande parceiro de escalada. Eu diria que meu grande motivador de entrar para a escalada foi o Baú, mas o que me manteve na escalada foi a escalada em si, com seus desafios verticais e recompensas de paz, e as pessoas com quem eu escalava na época.

E as cordadas femininas? Sabemos da carência de escaladoras, principalmente de vias mais complexas, no Brasil. Qual sua experiência em relação a isso? Na sua visão, qual a maior dificuldade?

Sou suspeita para falar de cordadas femininas, pois sou fã número 1. Inclusive, atualmente tenho me dedicado a escalar em cordadas femininas sempre que posso, buscando estimular as mulheres a escalarem e a saírem de sua zona de conforto (leia-se Urca) e a guiarem vias mais complexas. Felizmente, encontrei uma "parceiraça", a Helena Fagundes, que além de ser ótima escaladora é uma pessoa maravilhosa com quem adoro partilhar os momentos nas montanhas. É também uma das poucas (senão a única) que aceita participar das minhas idéias, muitas vezes, inusitadas. Na verdade não são idéias tão doidas assim, mas geralmente são vias que não são repetidas tão facilmente e que exigem um grau de experiência e comprometimento mais alto do que o normal. Existem muitas mulheres escalando aqui no Rio, muitas escalam grau alto (até mais alto do que eu), mas na hora de se meter numa via mais longa, com móvel, onde a experiência conta muito, esse número cai drasticamente e somos poucas. Isso não quer dizer que somos as únicas... A Cris Jorge e a Patty Duffles, por exemplo, vivem mandando vias de muito respeito em Salinas.

Não sei dizer ao certo o porquê do número reduzido de mulheres mandando vias assim... Muitas não querem escalar vias assim e respeito completamente, afinal, eu também não quero ficar mandando esportiva, mas outras querem, mas possuem uma limitação psicológica ou de repente até cultural. A cultura brasileira é conservadora e nossas mães (na sua maioria) não nos ensinam a arriscar, a tentar, cair e se levantar... Isso certamente se reflete na escalada. Escalar em si já é se arriscar, mas as mulheres tendem a se arriscar dentro de uma certa zona de conforto, que acaba sendo menor do que a dos homens... Acredito que a maior dificuldade para as mulheres é ultrapassar justamente essa barreira, seja psicológica ou cultural...

Em 2003 você tentou escalar a Crazy Muzungus, conte um pouco sobre sua experiência em vias mais exigentes aqui no Brasil e também nos EUA.

Ha ha ha. Adoraria ter feito a *Crazy* em 2003, 2005 ou 2006. Mas infelizmente, não consegui chegar ao fim em nenhuma vez (conto aqui o resumo do resumo). Cada uma com uma histó-

ria diferente... Na primeira vez, depois de 2 dias e meio no rio, finalmente chegamos à base da via; só que com o peso que carreguei, acabei estirando um músculo e tive que descer da P3. Obviamente fiquei instigada com aquela parede maravilhosa. Juntando isso com minha vontade de escalar com mulheres, formei uma cordada feminina: eu, Helena e Ester. Na via, demoramos um pouco mais do que o previsto e a Ester acabou preferindo descer. Descemos da P5... Na última vez, Helena e eu fomos mais do que determinadas, nada iria nos segurar. Não conseguimos nenhum "sherpa" para nos ajudar na subida do rio carregando material, então fomos nós duas mesmo, com muito peso nas costas. Tudo estava correndo perfeitamente, quando na segunda enfiada um talon resolveu se suicidar, se desclipando do baudrier da Helena... Bom, até aí, sem problemas pois tínhamos um reserva. A escalada estava ótima, estávamos fluindo bem, um pouco atrasadas, mas bem e tranquilas. No meio da 7ª enfiada, Helena resolveu me passar a guiada, pois estava cansada. Continuei pela horizontal até um buraco de cliff arreganhado, a última passada até a parada... Coloquei meu talon ali e subi calmamente, até que "pá", o buraco acabou de arrebentar e voei. Subi jumareando e mais uma vez tentei, agora com muito mais cuidado, com o talon apoiado nas beiradas laterais e cheguei a P7. Só que na queda, o outro talon acabou se desclipando do meu baudrier e ao chegar na parada eu o ovi e vi (pior ainda) caindo montanha abaixo (plein, plein, plein). Ainda tínhamos pelo menos mais uma enfiada de cliff, mas não tínhamos mais dois talons, apenas 1. Pronto era isso, uma escalada de 16 enfiadas acabava em P7 para a gente! Extremamente frustrante, mas com a montanha é isso aí, não se pode ganhar sempre... Sai de lá falando que nunca mais voltava, mas quem sabe ano que vem... uma coisa é certa, conheço o Rio Soberbo como poucos (bom, temos que tentar tirar vantagens, né?).

As vias mais exigentes que fiz aqui no Brasil foram as conquistas no Espírito Santo e uma ou outra aqui no Rio. Na verdade, nos últimos anos acabei guiando muito, o que não me dava muito tempo de escalar, parece contraditório, mas não é... quando a gente guia profissionalmente, você escala para seu cliente e não para você. Agora, desde maio, parei de guiar profissionalmente e estou voltando a escalar, voltando a mandar graus mais altos à vista. Por isso, a maioria das vias mais puxadas foram realizadas nos EUA, quando eu me dedicava muito à escalada. Gosto muito de vias em móvel, ainda mais se forem no "meio do nada" e os EUA tem muitas opções para isso. Eu morava em um local (Tetons) onde tinham muitas vias alpinas e explorei o máximo que eu pude o potencial de vias dali. Fui também a Yosemite, Moab, the Needles, Seneca e Wind Rivers. Em todos eles, escalava quase que predominantemente vias longas e em móvel, raramente considerava uma via gramepada, ou vias com poucas enfiadas. A exceção ficava em Moab, onde as vias nas torres de arenito não são tão longas, mas são maravilhosas com fendas inacreditáveis e cumes muitos maneiros.

Você trabalha voluntariamente na FEMERJ e também já foi presidente da Aguiperj, a organização do montanhismo no Brasil cresceu e se desenvolveu bastante, mas



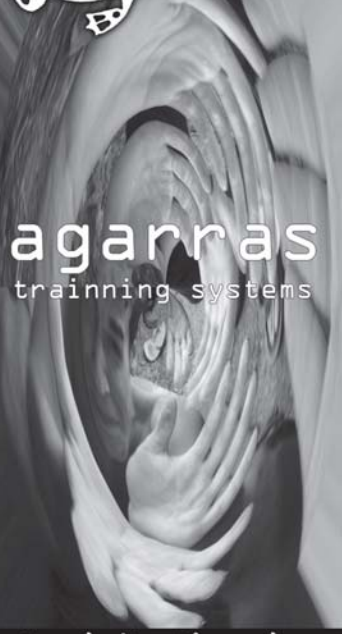
os patrocínios ainda são poucos e o reconhecimento fora da comunidade de montanha também. O que você acredita estar faltando para que o montanhismo seja reconhecido em sua totalidade por aqui?

Acredito que a palavra chave é divulgação. É claro que não se restringe a isso, mas vejo que muita gente dentro do montanhismo ainda não sabe ou entende o que a FEMERJ (no caso a entidade com a qual estou familiarizada) faz ou quais projetos realiza. Imagina fora do montanhismo...

Acho que quando conseguirmos que alguns cargos nessas entidades sejam remunerados e as pessoas conseguirem dedicar seu tempo integral ao montanhismo, muita coisa vai melhorar: mais projetos, mais organização, mais divulgação. Estamos trabalhando para isso.



gringa
climbing



agarras
training systems

gringacimbing@hotmail.com
(11)7122.1271 - 8574.8319

Serra Caiada

As melhores escaladas do RN

RALF CORTES E ANA ALVARENGA | RJ

Leo na Quinto elemento.

Fotos: Menger

on the rocks

Em junho de 2007 partimos rumo ao Rio Grande do Norte, com o intuito de conhecer o que o extremo Nordeste tem a oferecer aos escaladores. Chegando em Natal, encontramos parte da comunidade escaladora pioneira de um recanto chamado Serra Caiada, que tem o privilégio de abrigar a formação rochosa mais antiga da América do Sul, um gnaiss sólido e repleto de agarras nada abrasivas, configurando num paraíso de escalada esportiva, contando com várias falésias negativas. De Natal, a localidade fica a 70 Km de distância rumo ao interior do Estado, numa planície eterna encravada no meio da zona da mata nordestina e, por isso, abrigando ventos constantes que tornam o lugar agradável no inverno e habitável no verão. Além disso, conta com sombras que se alternam durante todo o dia entre os diferentes setores de escalada.

Uma vez no local que interessa, acampamos durante sete dias debaixo do boulder principal, que só ele mesmo já apresenta mais de dez vias, variando do 4º a um possível projeto de 10º: *Mestre das Ilusões* e alguns lances de boulder.

Novidades

Explorando a serra, acompanhados dos dedicados e atenciosos escaladores locais, Menger, Leo, Stella, Elisa, Sérgio, Dante, Emerson e Ignácio, sem contar com a Dona Odete, mãe de todos nós, escalamos algumas vias em diversos setores, objetivando conhecer ao máximo no tempo que tínhamos, visto que há dezenas de vias conquistadas e muitas por abrir. Destacamos vias como: *Quinto elemento*, *Tião Gavião*, *Prodígios*, *Invasão de privacidade*, *Belerofonte*, *Grampeleta*, *Formiga rasgada*, *Perdas e danos*, dentre outras. Curtimos, também, variados lances de boulder, com destaque para os highballs: *Come dedo* e *Camundongo voador*. Tivemos tempo, ainda, para conquistar uma via de mais ou menos 50m, a *Porquinho voador*, deixando também por lá o projeto *Resto de coca*, e os boulders *Jerry* e *Dona Odete*.

Algumas dicas que podemos dar com o pouco conhecimento que temos são: o inverno é mais chuvoso, mas em compensação mais fresco, e o verão, seco e quente – os escaladores locais afirmam que a melhor época é no final do inverno (agosto/outubro), quando chove menos e ainda não está tão quente; tomar cuidado com os bichinhos e plantinhas, principalmente as abelhas (inclusive a galera de lá conhece todas as cacholas); levar bastante água é redundância no nordeste; a infra-estrutura, por enquanto, está na cidade de Serra Caiada, que fica a mais ou menos 700m da área de escalada. O ideal mesmo é contactar a galera de Natal, pois eles conhecem o lugar como a palma da mão, ou melhor, cada mandacaru e cada toca de caranguejeira! É só procurar o xerife Menger of Stone - menger@click21.com.br

Pra terminar, lembramos que em outubro, entre os dias 12 e 14 de outubro deste ano, Dia das Crianças – e brincadeiras não irão faltar, acontecerá o VIº Encontro de Escaladores do Nordeste. Para saber detalhes, escrever para o Dante - dantevertical@yahoo.com.br.

Boas escaladas, visse!
Ralf Cortes recebe apoio de Fabiano Ressolas e Agarras V12.

Ana Alvarenga em Invasão de privacidade.

www.mountainvoices.com.br

09

Escalando pelo litoral brasileiro

Opções de escalada a beira mar.

MÁRCIO BORTOLUSSO | SP



Mambucaba, RJ

Para muitos praia é sinônimo de verão. Porém o artigo de hoje nada mais é do que uma dica para curtir os melhores picos do litoral durante o ano inteiro. Sempre viajando, incontáveis foram as praias com alguma pedra que me ofereceu bons momentos de diversão. Daí a idéia de listar algumas das melhores pedidas do litoral brasileiro.

Com mais de 9 mil quilômetros de costa (se considerados os recortes geográficos), representando o mais extenso litoral tropical da Terra em um único país, o Brasil resguarda milhares de praias, uma infinidade incalculável delas com excelentes condições para a prática da escalada em rocha, em especial para a escalada de blocos (boulders pra quem prefere).

Escalar no inverno é uma oportunidade a mais de estar na praia o ano todo. Além de chover bem menos nesta época ao mesmo tempo em que o sol forte nos dá certa trégua, para os que também curtem pegar onda o inverno é a estação ideal para uma prainha: boa temperatura para escalar (sol fraco e menos frio que nas montanhas), sem a crowd do verão e com o melhor mar do ano.

Agora atenção redobrada com as proteções fixas, que podem estar comprometidas pela maresia. Outra dica é levar um tapetinho para limpar a sapata ou proteger o equipo da areia, especialmente em trepadas com corda (o do carro mesmo já quebra o galho). Para quem curte um colchãozinho, vá preparado, já que muitos blocos apresentam aterrissagens sinistras. Já que é pra dar dica, que tal uma comida de rabo de vez em quando nos camaradas que ao invés de dar uma segurança decente ficam papeando e posando com os braços aos céus? Afinal é o que mais se vê por aí, enquanto o número de acidentes aumenta a cada ano.

Sul

O extremo sul do litoral brasileiro é formado basicamente por lâminas de areia varridas pelo vento, com poucas elevações e raros pontos para escalada.

A exceção é o Parque Estadual da Guarita, em Torres (RS), que concentra cerca de 60 vias com altura variando de 8 a 30m, com proteções

sendo causado por indivíduos que procuravam a Gruta cada vez com maior frequência para praticar rapel (daí veio o pisoteio da vegetação, pedras caindo, gritaria, cordas arremessadas sem cuidados... aquela velha história). Polêmicas à parte, recomenda-se respeitar esta restrição e escalar em outras áreas da Ilha, como no Farol das Conchas, onde existem alguns blocos muito bons. Ao meu ver, a maior vantagem de se escalar na Ilha no inverno é que no verão todos os turistas da galáxia vão estar lá também e os preços sobem consideravelmente com a alta temporada.

Caiobá fica a cerca de 110 km de Curitiba, porém mais ao sul. Basta sair andando pela praia para encontrar os vários blocos locais. Pontos obrigatórios: Morro do Boi e praias Brava e Mansa, esta última permite acesso com a maré baixa até uma ilha que possui mais 4 blocos.

Sudeste

Devido a proximidade da Serra do Mar às águas

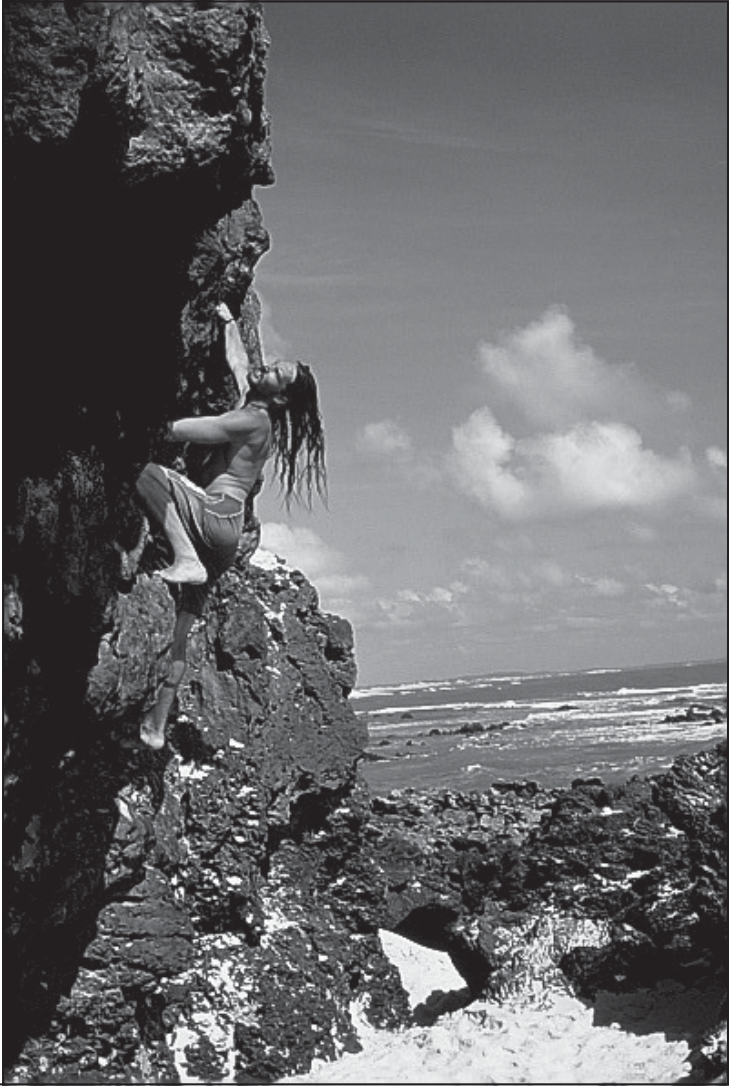
do oceano e a muitos outros processos geológicos, os estados do sudeste brasileiro apresentam infinitas possibilidades de escalada à beira mar, blocos para todos os lados, costões e falésias (inclusive em ilhas) e até mesmo grandes picos sob as águas do Atlântico.

Em São Paulo, as possibilidades aparecem desde as praias selvagens da Ilha do Cardoso, no extremo sul do estado, até os blocos alucinantes da região de Trindade, na divisa com o Rio de Janeiro.

Um local que gosto muito são as praias da Estação Ecológica Juréia-Itatins, algumas com blocos com movimentos incríveis em meio a muita paz e beleza.

Bem mais conhecido dos paulistas é o Morro do Maluf, parede rochosa localizada no Guarujá (uns 90 km da capital), entre as praias da Enseada e das Pitangueiras. Com uma dezena de vias e variantes, as escaladas do Morro possu-

O autor no litoral do Rio Grande do Norte.



Conquista em Ilha Grande.

em cerca de 25 metros e variam do 3º ao 7º grau.

Já em Ilha Bela a ralação de dedo rola na praia de Borrifos, onde existem umas 4 vias, do 6º grau ao 8c, todas com uns 12 metros. Entre Caraguatatuba e Ubatuba existem desde points menos conhecidos até os mais badalados. Dando apenas um exemplo, a Trilha do Bonete (8 km) parte da Lagoinha e passa por outras 6 praias. No caminho passa por alguns blocos isolados (como os do Cedro), até chegar nas tão famosas formações do Pontão da Fortaleza, paraíso localizado em Ubatuba que já se consolidou como uma das principais áreas de escalada de blocos do país. O lugar realmente merece uma visita, são vários blocos com regletes, abaolados, tetos, negativos e até travessias. Existem mais de 60 blocos catalogados e muitos outros ainda para serem explorados, a maioria com boas aterrissagens e sem-

pre com um maravilhoso visual como cenário de fundo. Infos necessárias: br.geocities.com/pontaodafortaleza. Ao viajar pelas praias do litoral fluminense não deixe de levar equipo, no mínimo sapatilhas, já que a maioria das milhares de praias do estado possuem blocos, costões ou até mesmo falésias em seus cantos. Pra ter uma idéia, só na Baía da Ilha Grande (entre Angra dos Reis e Parati) existem 365 ilhas e mais de 2 mil praias catalogadas, na maioria belíssimas, algumas com vilas de caçaras e muitas ainda desertas. Vindo de São Paulo pela BR-101, assim que se avista a cidade de Parati (próximo a Polícia Rodoviária), existe um grande bloco à beira mar com algumas vias com proteções fixas, bem interessante para quem está rodando pela região – com uns 16 metros e alguns lances bem atléticos.

Cerca de 50 km adiante, na Vila Residencial de Mambucaba, existe uma via em uma parede de cerca de uns 50 metros de altura que termina em um impressionante teto de 15 metros de extensão. Sou suspeito pois participei da abertura deste grande negativo, mas para quem gosta de escalada com grandes visuais a linha vale a pena: penduradas emocionantes, ângulos incríveis para fotos e vídeo e um cenário bellissimo, com lindas praias e ilhas no horizonte. Em Angra dos Reis a escalada ainda engatinha, mas existem algumas boas opções para os visitantes. No Centro da cidade também tive a oportunidade de participar da abertura da primeira linha de escalada de Angra, no bairro do Retiro. Com cerca de 150 metros, a via *Pata de Guaiaum* (4º V ou IV) atualmente é a principal escalada da região, localizada em uma parede de 300 metros de base, com belo visual e alto potencial para um futuro campo escola. Na Praia da Gruta, no bairro Vila Velha, também existem uns 5 blocos bem legais.

Mas uma das baladas que mais recomendo é a volta na Ilha Grande, cerca de 5 dias por lugares paradisíacos e com direito a alguns blocos fantásticos. Dentre as principais praias para ralar os dedos: Parnaioaca, Lopes Mendes, Preta (no Abraão), Aventureiro e Caxadaço, sendo as duas últimas as melhores. Se estiver com equipo, outra boa pedida é subir o Pico do Papagaio pela *Aresta do Xilindró* (3º IV Sup), a que tudo indica a primeira via do extremo sul fluminense. Apesar de pouco frequentada e de estar com algumas proteções um tanto comprometidas pela maresia (a via é de 1984), trata-se de uma escalada muito bonita. Infos: CEMAR, com Carlos ou Diego (24) 3367-0078 escaladaangra@hotmail.com. Seguindo a BR sentido RJ por mais uns 10 km, existem ainda algumas vias em umas paredes que se encontram ao lado direito da estrada (desconhecidas para mim) e em Mangaratiba encontram-se vários blocos espalhados pelos morros do Centro, inexplorados mas que prometem boa diversão.

A oeste da cidade do Rio encontramos Barra da Guaratiba, um dos melhores campo escola do estado, com mais de 100 vias do 2º ao 8º grau e com falésias que chegam aos 40 metros. Este clássico point apresenta os mais diversos estilos, mas com certeza é um dos grandes centros da escalada móvel brasileira... muiiittas fissuras. Pelo tanto que é conhecida, a capital carioca eu nem vou comentar... apesar da violência abalar muito o seu título de Cidade Maravilhosa, a quantidade, qualidade e localização das pedras desta cidade ainda fazem com que ela seja considerada como um dos paraísos da escalada latino-americana. Para quem ainda não foi, recomendo tirar um tempinho de sua vida para escalar ao menos uma via em cada uma das montanhas e falésias desta cidade: Agulhinha da Gávea, Corcovado, Pão de Açúcar, Pico da Tijuca, Babilônia, Cantagalo, Pedra da Gávea, etc.

Outro pico famoso dos cariocas é Itacoatiara, em Niterói, com cerca de 50 vias que variam do esportivo ao tradicional, graduação do 2º ao Xb e vias com até 350 metros de extensão. A partir do RJ a Serra do Mar começa a se afastar do litoral e o relevo começa a aplainar, as praias vão se tornando mais extensas e a con-

centração de monólitos começa a correr para o interior.

Algumas praias ainda abrigam blocos para aventuras sob a areia, mas vai ser na região da capital capixaba que o bicho vai voltar a pegar. Em Vitória os melhores locais são as Pedras dos Olhos, da Ilha do Boi e do Penedo. Mas é na vizinha Vila Velha que fica o Morro do Moreno, principal campo escola do Espírito Santo, com mais de 45 vias, do 3º ao 9º. Croquis e infos: ace-es.org.br.

Nordeste

Da Bahia até o norte do Brasil existem raríssimas opções de escalada conhecidas no litoral, mas vai saber... viajando pelo longo litoral nordestino, não deixe de levar as sapatas.

Foi assim, de surpresa, que me deparei com alguns belíssimos blocos de formação vulcânica por entre as falésias do litoral potiguar. Um deles por sinal maravilhoso, com agarras e furos por todos os lados e ilimitadas possibilidades de ascensão, à beira mar e em um dos trechos mais lindos do litoral brasileiro (mais precisamente na Praia do Amor, perto do vilarejo de Pipa). Apesar de assustar de início, devido à aterrissagens nada animadoras, aos poucos as agarras vão inspirando confiança e demonstram que são bastante sólidas.

Em Gaibú, município pernambucano de Santo Agostinho, também existem alguns blocos que oferecem boa diversão, assim como em alguns trechos do inexplorado litoral paraibano, como nas praias de Coqueirinho, Tambaba e outras da região.

Bom, a dica foi dada. Mais uma vez agradeço aos meus patrões - Solo, Goretex, Windstopper e Snake.

Até a próxima, valeu!

No meio do nada é que ficam os lugares especiais.

R.: Apeninos, 803 -
Próx. metrô Paraíso
11 3171 2923 -
loja virtual: www.penatrilha.com.br

www.mountainvoices.com.br

www.mountainvoices.com.br

especial



Era um belo dia de outono no sul de Minas e eu observava, do alto da Serra do Papagaio, o enorme vulto de uma montanha distante, que me diziam ser a Mitra do Bispo. Nos meses seguintes, procurei em vão saber dela, até que descobri sua localização. Este é o relato sobre a subida até seu cume e o esplêndido visual lá de cima.

ALBERTO ORTENBLAD | SP

A Localização

A Pedra da Mitra é assim chamada porque seu cume parece aquele barrete que os bispos usam na cabeça. Fica na região mineira das Terras Altas, que congrega grandes maciços como o Agulhas Negras, a Pedra da Mina e o Papagaio. Você chegará na Mitra do Bispo a partir de Itamonte, entrando a leste no sentido de Alagoa. Itamonte fica em Minas Gerais, próximo ao Circuito das Águas. Serão 400 km de Belo Horizonte e cerca de 250 km do Rio e São Paulo, sempre por asfalto. É a partir da estrada que liga a Via Dutra a esta cidade que se atinge o conhecido Parque Nacional de Itatiaia. Mas seu destino será outro, pois você deverá seguir no rumo de Alagoa. Esta é uma cidadezinha de 3 mil habitantes,

originada a partir do Ciclo da Mineração. Ela dista 40 km de Itamonte por uma razoável estrada de terra. O caminho é impressionante, pois sobe quase continuamente até o espigão, de onde volta a descer para rapidamente chegar na vila.

Ao entrar na cidade, você já estará vendo o perfil agudo da Mitra, à direita do corpo maciço do Nogueira, chamado na região pelo pitoresco nome de Mané Árvore – não me pergunte porque, pois ignoro a razão. Acredito que foi a proximidade da Mitra com o Nogueira que a tornou tão volumosa à distância, quando a vi pela primeira vez, dos altos da Serra do Papagaio. A Mitra em si não é uma formação tão grande, embora se distinga pelo desenho e altitude.

Continue por uma estradinha na direção da pedra, que por sinal vai para Santo Antônio, suba uma pequena ser-

ra arborizada, passe pela bela parede da Pedra do Segredo à direita (quem sabe você não volta lá para subi-la?) e pare o carro 9.5 km depois da cidade, ao lado de um barranco. Aqui começará a sua caminhada.

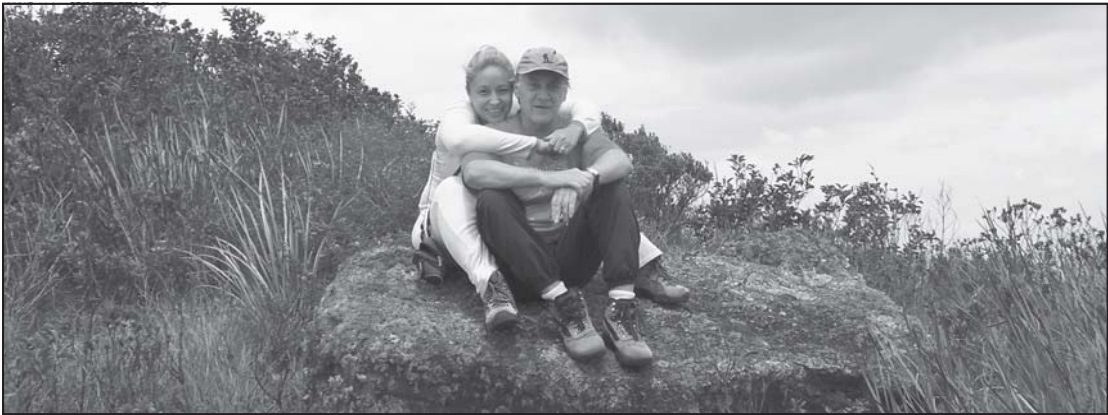
A Trilha

A trilha da Mitra não é longa, apenas cerca de 3.5 km. Entretanto, irá tomar quase 2 horas, pois a metade dela é muito íngreme. Calculo que você terá de vencer um desnível de algo como 800 metros até a altitude de 2.149m do cume. Este é um programa de pelo menos 6 horas, se você sair de e retornar para Itamonte. Mas talvez você prefira pousar em Alagoa. Suba o barranco à esquerda por uma trilha improvisada, até encontrar um caminho bem definido, que prossegue em direção à parede sul da montanha. Em

pouco tempo, você terá uma bela visão da Mitra, porém sem seu perfil pontiagudo. A razão é que este acidente pertence à face oeste da montanha. A trilha é curiosamente nítida, apesar de não parecer muito usada. Ela prossegue basicamente num rumo nordeste, alternando trechos de campo arbustivo com mata ciliar e floresta de encosta.

Após 20 min você atravessará o único curso d'água do caminho e continuará por um campo arbustivo por mais 30 min, até entrar na floresta. Você permanecerá nela por quase uma hora, com rampas cada vez mais inclinadas. O consolo é que esta trilha é preservada e bonita, recoberta de folhas em todo o percurso.

O acesso à Mitra, entretanto, passa por mais 15 min de campo, pois o topo da montanha é coberto de vegetação



▲ No topo da Mitra do Bispo.
▼ Face oeste.

arbustiva. A rigor, o cume é meio decepcionante, não passa de uma clareira cercada de árvores, aliás um belo local para acampar. Existe uma trilha circular que contorna todo o perímetro do topo, vale a pena percorrê-la para avistar uma parede rochosa.

Mas a vista da Mitra é especial: o corpo rochoso do Agulhas é visível a sul e a longa formação do Papagaio encontra-se a norte.

Muito à distância, é possível entrever o contorno da Serra Fina. Entre estes, você poderá descortinar o perfil compacto e distante da Serra da Careta e o vul-

to achatado do Garrafão (assunto do próximo artigo), ponto culminante da região. A leste, existem interessantes formações dispersas, como a Serra da Gomeira.



AVENTURA & AÇÃO

A revista com espírito de aventura

Nas bancas: edição 142

www.aventuraeacao.com.br tel: (11) 3021-4580

A Região

Se você não tiver que retornar a Itamonte, explore mais esta região. Ela é alta e vazia, dotada de longos percursos e atravessada por grandes montanhas que surgem imponentes acima dos vales amplos e abertos.

Seus habitantes costumam percorrer suas cristas a cavalo, indo de Alagoa ao Gamarra, do Papagaio ao Matutu ou ao Cangalha.

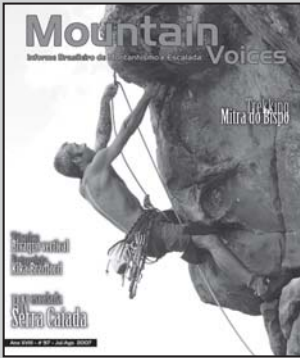
Eu me surpreendo algumas vezes como é possível encontrar regiões isoladas tão perto de lugares urbanizadas. Esta é uma delas: embora próxima dos asfaltos de Itamonte e de Aiuruoca, a região de Alagoa parece docemente perdida no passado, alienada do presente pelas cadeias de montanhas à sua volta.

Assine **Mountain Voices** e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editores: Eliseu Frechou, Vítor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.

Contatos: pela Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Ralf Côrtes na Invasão de Privacidade, Serra Caiada, RN Foto: Menger.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/12/2007.

Nome.....
Endereço.....
Cidade.....Estado.....
CEP.....-.....Telefone.(.....)
E-mail.....
Idade Profissão.....
Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder
() Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
() Renovação Assinatura - R\$ 20,00
() Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
() Número Atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
() Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
() Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00

97

Total00

OLHA O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO COMPRA EQUINOX ...



Só
CORDURA®
atura



www.equinox.com.br

Manual de Escaladas e Montanhismo

Eliseu Frechou
Felipe Guimarães

Planalto do
Itatiaia
e região sul de RJ e MG

Rotas selecionadas ■ Acessos ■ Dificuldade ■ Equipamentos

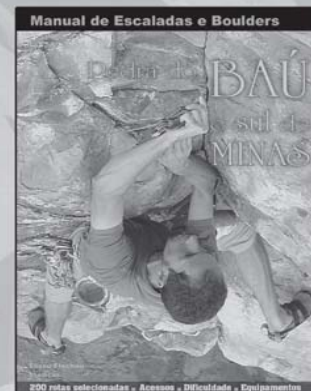
Novo Guia de Escaladas e Montanhismo
Mountain Voices

Planalto do Itatiaia
Resende
Itamonte
Papagaio

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- +Dificuldade
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso

Á venda nas lojas de montanha !

Conheça também o
Manual de Escaladas
e Boulders da
PEDRA DO BAÚ
e sul de Minas



CONQUISTA®



O poder da aventura!

www.conquistamontanhismo.com.br

Na sua VIAGEM DE INVERNO,
cuidado para não ficar assim!



... só na Território você encontra tudo para garantir o sucesso de sua viagem.
Roupas, calçados e acessórios para que o frio não te pegue de surpresa.

